A Europa diante da nova crise do Golfo: segurança energética, divisões políticas e reconfigurações geopolíticas

Europe in the Face of the New Gulf Crisis: Energy Security, Political Divisions, and Geopolitical Reconfigurations

Europa ante la nueva crisis del Golfo: seguridad energética, divisiones políticas y reconfiguraciones geopolíticas

Ana Helena Gigliotti de Luna Freire

Resumo. Freire alerta que a nova guerra do Golfo atingiu um nível crítico com o fechamento do Estreito de Ormuz, pelo Irã, por onde passa 20% do petróleo mundial. Como consequência, o preço do barril disparou, gerando uma ameaça inflacionária global. Em resposta imediata, um grupo de países liberou reservas estratégicas para tentar estabilizar o mercado. A crise também impulsionou a União Europeia a retomar o investimento em energia nuclear, com foco em Pequenos Reatores Modulares (SMRs) até 2030, visando reduzir a dependência de combustíveis fósseis. O conflito expôs rachaduras nas alianças tradicionais e mudanças táticas surpreendentes, como a suspensão temporária, por Donald Trump, das sanções ao petróleo russo para conter os preços internos, decisão duramente criticada por trazer fôlego financeiro para a invasão russa na Ucrânia. O mesmo Donald Trump que outrora criticava e impunha tarifaços à União Europeia, agora busca apoio dos Estados-membros para sua guerra sem coalizão. Na falta de apoio e adesão, o presidente estadunidense ameaça o futuro da Otan. O cenário revela uma vulnerabilidade estratégica dos EUA, que se viram forçados a beneficiar a economia russa para evitar um colapso energético doméstico. Ao mesmo tempo, a crise reforça a urgência da transição ecológica, evidenciando que a dependência de combustíveis fósseis é dos principais gargalos da segurança das nações.

Abstract: Freire warns that the new Gulf war has reached a critical level with Iran's closure of the Strait of Hormuz, through which 20% of the world's oil flows. As a consequence, the price of a barrel of oil has surged, creating a global inflationary threat. In an immediate response, a group of countries released strategic reserves in an attempt to stabilize the market. The crisis has also pushed the European Union to resume investment in nuclear energy, focusing on Small Modular Reactors (SMRs) by 2030 as a way to reduce dependence on fossil fuels. The conflict has exposed fractures within traditional alliances and produced surprising tactical shifts, such as Donald Trump's temporary suspension of sanctions on Russian oil in order to contain domestic prices, a decision widely criticized for providing financial relief to Russia's invasion of Ukraine. The same Donald Trump who once criticized and imposed tariffs on the European Union is now seeking support from EU member states for a war launched without a coalition. In the absence of support and adherence, the U.S. president has threatened the future of NATO. The situation reveals a strategic vulnerability of the United States, which found itself forced to indirectly benefit the Russian economy to avoid a domestic energy collapse. At the same time, the crisis reinforces the urgency of the ecological transition, highlighting that dependence on fossil fuels remains one of the main bottlenecks for national security.

Resumen. Freire advierte que la nueva guerra del Golfo ha alcanzado un nivel crítico con el cierre del Estrecho de Ormuz por parte de Irán, por donde transita el 20% del petróleo mundial. Como

consecuencia, el precio del barril se disparó, generando una amenaza inflacionaria global. En respuesta inmediata, un grupo de países liberó reservas estratégicas de petróleo para intentar estabilizar el mercado. La crisis también impulsó a la Unión Europea a retomar la inversión en energía nuclear, con foco en los Pequeños Reactores Modulares (SMR) hasta 2030, con el objetivo de reducir la dependencia de los combustibles fósiles. El conflicto expuso fisuras en las alianzas tradicionales y cambios tácticos sorprendentes, como la suspensión temporal, por parte de Donald Trump, de las sanciones al petróleo ruso para contener los precios internos, una decisión duramente criticada por otorgar un respiro financiero a la invasión rusa en Ucrania. El mismo Donald Trump que antes criticaba e imponía aranceles a la Unión Europea ahora busca el apoyo de los Estados miembros para su guerra sin coalición. Ante la falta de respaldo y adhesión, el presidente estadounidense amenaza el futuro de la OTAN. El escenario revela una vulnerabilidad estratégica de Estados Unidos, que se vio obligado a beneficiar indirectamente a la economía rusa para evitar un colapso energético interno. Al mismo tiempo, la crisis refuerza la urgencia de la transición ecológica, evidenciando que la dependencia de los combustibles fósiles sigue siendo uno de los principales cuellos de botella para la seguridad de las naciones.

Palavras-chave: União Europeia; segurança energética; guerra no Golfo; saúde reprodutiva.

O assunto do momento é a nova guerra do Golfo, que começou com o ataque de EUA e Israel ao Irã, que responde como uma metralhadora giratória, contra-atacando as bases militares estadunidenses vizinhas e estruturas petrolíferas de países vizinhos. O fechamento do estratégico Estreito de Ormuz, por onde 20% do petróleo mundial é escoado, elevou a guerra para um novo patamar. Esta ação do Irã está impactando todo o mundo, uma vez que o petróleo ainda está no centro do modelo capitalista. A Europa, que já enfrentava uma crise energética, acende o modo alerta. Alguns episódios desta guerra já respingaram na política europeia como os 2 mísseis iranianos abatidos em espaço aéreo turco e a recente morte de um militar francês, mas a mobilização se intensificou com a ameaça ao abastecimento de petróleo mundial. Os ataques iranianos aos países do Golfo, juntamente com o bloqueio do Estreito de Ormuz, agitaram os mercados energéticos mundiais, elevando os preços do petróleo acima dos 100 dólares por barril. Se o conflito se prolongar, com mais interrupções no transporte marítimo de petróleo e gás, a economia europeia pode ser fortemente impactada.

Como resposta imediata, ao fechamento do estreito, um grupo de 32 países, incluindo o G7, membros da Agência Internacional de Energia (AIE) acordou uma liberação de emergência de reservas estratégicas de petróleo no valor de 400 milhões de barris para estabilizar o que a Agência descreveu como desafios de “escala sem precedentes” para o mercado petrolífero mundial. A AIE é um organismo internacional que coordena a política energética e as reservas estratégicas de petróleo destes 32 países, em sua maioria economias avançadas da Europa, América do Norte e Ásia-Pacífico. As reservas estratégicas são mantidas como parte de um sistema coletivo de emergência criado para crises de preços do petróleo. Os 400 milhões de barris de petróleo equivalem a quatro dias de consumo mundial ou ao que, em circunstâncias normais, flui pelo Estreito de Ormuz em 20 dias.

A escalada do preço do petróleo ameaça desencadear um surto inflacionário que pode causar danos duradouros ao crescimento econômico global. Algo impensável para um combustível fóssil propagado como necessário para garantir a “segurança energética” das nações. A médio e longo prazo, a Europa pretende voltar a investir em energia nuclear, conforme declarou a presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, anunciando um fundo de

200 milhões de euros para estimular o setor. Ela descreveu a redução da indústria nuclear como "erro estratégico" na Europa, agora exposto pela guerra no Irã, apesar do seu impacto ambiental e controversos riscos de segurança. Segundo ela, a Europa produzia cerca de um terço da sua eletricidade a partir da energia nuclear em 1990, mas essa porcentagem caiu para 15%, deixando o continente dependente das importações de petróleo e gás. A meta almejada é implantar pequenos reatores modulares (SMRs) em toda a UE até 2030, com o aceleramento na concessão de licenças e o alinhamento da regulamentação entre os Estados-membros. Segundo von der Leyen, os recursos do novo fundo virão do mercado de carbono. Reatores do tipo SMR têm em torno de 10% do tamanho de um reator convencional. Por serem pré-fabricados, esses tipos de reatores podem ser mais facilmente instalados do que grandes usinas convencionais. Eles produzem cerca de um quinto da energia de uma usina comum, mas têm em tese custo mais baixo e são capazes de entrar em operação mais rapidamente.

O comissário para energia da EU, Dan Jørgensen, sugere que mais pode ser feito para reduzir os preços da energia no bloco, apelando aos Estados-membros para que reduzam imediatamente os impostos sobre a eletricidade. Ele afirmou que "ainda há muito a fazer" para atenuar o aumento dos preços da eletricidade e do gás resultante da instabilidade no Médio Oriente, e que uma redução dos impostos "tornaria mais fácil para a indústria competir". Entretanto, os líderes da UE vão pedir à Comissão propostas específicas e concretas que possam ser implementadas rapidamente. Ele destacou ainda que em nenhum momento a União Europeia considerou a possibilidade de aliviar as sanções contra a energia russa. "Não queremos de forma alguma a energia russa", afirmou.

Postura radicalmente oposta foi adotada por Donald Trump, que suspendeu por 30 dias as sanções ao petróleo russo, emitindo uma licença que permite a venda de petróleo bruto e derivados russos embarcados até 11 de abril. Líderes do Canadá, Alemanha e Noruega pedem a Trump que repense a suspensão das sanções contra o petróleo russo. Membros da Otan, os países reiteram a posição da aliança de que ainda é necessário exercer pressão máxima sobre a Rússia em função da guerra na Ucrânia e da ameaça à segurança mundial. O chanceler alemão Friedrich Merz classificou como "equivocada" a decisão dos EUA de aliviar temporariamente algumas das sanções às exportações de petróleo russo. Merz e outros aliados europeus afirmam que essa medida envia um sinal errado. O ministro da Defesa alemão, Boris Pistorius, disse que está "muito preocupado" com o impacto da guerra na Ucrânia se a Rússia voltar a ter acesso às receitas do petróleo, o que lhe poderá dar uma vantagem significativa para manter a sua invasão dispendiosa. "A única coisa que pode realmente forçar Putin a sentar-se à mesa das negociações é deixar claro que as suas receitas provenientes da exportação de petróleo e gás vão acabar", disse. A Rússia, por sua vez, saudou a iniciativa da Casa Branca, afirmando que os interesses dos EUA e da Rússia estão alinhados nesta matéria: "Vemos as ações dos EUA como uma tentativa de estabilizar os mercados energéticos. A este respeito, os nossos interesses estão alinhados", afirmou o porta-voz da presidência russa, Dmitry Peskov.

Ainda sobre o Estreito de Ormuz, o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irã, Abbas Araghchi, disse que foi "abordado por uma série de países" que procuram uma passagem segura para os seus navios, "e que cabe aos militares iranianos decidir". O diplomata afirmou que um grupo de navios de "diferentes países" foi autorizado a passar, sem entrar em detalhes. Segundo ele, o estreito continua aberto a todos "exceto aos Estados Unidos e aos seus aliados".

Donald Trump agora, tenta exercer pressão sobre alinhados e não alinhados. Começou dizendo esperar que China, França, Japão, Coreia do Sul, Reino Unido e outros países enviem navios de guerra para manter o Estreito de Ormuz "aberto e seguro". Ele quer que os países

enviem navios de guerra e meios militares, formando uma coalizão para escoltar petroleiros e ajudar a “policiar” o estreito. Muitos dos países alegadamente envolvidos nos planos de Trump comentaram a proposta, mas não se comprometeram a apoiar a iniciativa. Diante da negativa, Trump dobrou a aposta e passou a chantagear e ameaçar os países membros da Otan, dizendo que a Aliança terá um “futuro negativo” caso os países membros falhem em apoiar os EUA nesta empreitada. Trump também diz que os ataques ao Irã podem durar mais algumas semanas, apesar do aumento dos custos da energia.

Acompanhando a tendência em diversos assuntos, a Europa está dividida em relação à esta guerra. Enquanto a Alemanha anunciou apoio total do país a Israel, a Espanha se posicionou afastando seu embaixador em Israel. O primeiro-ministro Pedro Sánchez disse que a Espanha não será “cúmplice” da guerra no Irã, apesar das ameaças comerciais feitas pelo presidente dos EUA, Donald Trump de cortar relações frente à negativa espanhola de uso de suas bases militares. Já o chanceler alemão Friederich Merz se colocou ao lado dos ataques israelenses e americanos contra o território iraniano e afirmou que a Alemanha oferece apoio inabalável ao governo do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. O país é atualmente o maior aliado de Israel dentro da Europa, apoiando praticamente todas as medidas que o atual governo israelense vem tomando, desde a guerra de Gaza até os ataques ao Irã na atualidade.

A guerra da Ucrânia perde espaço na mídia internacional, mas não nos debates europeus. A reunião de ministros de Relações Exteriores, teve as guerras da Ucrânia e Oriente Médio como pauta, além de uma discussão sobre as relações da UE com a Vizinhança Meridional, incluindo uma avaliação da implementação do Pacto para o Mediterrâneo, lançado em outubro de 2025. Na importante área energética, o Conselho de Transportes, Telecomunicações e Energia, se reuniram para um debate político sobre o pacote de redes europeias. Na mesma reunião, também trocaram pontos de vista sobre a implementação do plano de ação para energia acessível e discutiram a segurança energética e as lições aprendidas com a Ucrânia e a Moldávia. Os ministros do ambiente da UE realizaram um debate político sobre as normas de emissão de CO2 para carros e furgões e trocaram pontos de vista sobre os esforços de descarbonização no quadro climático pós-2030. O Conselho também aprovou conclusões sobre bioeconomia e explorou formas de reforçar a colaboração estratégica da UE na diplomacia ambiental global.

Na área da saúde, a UE abriu fundos para acesso ao aborto seguro: em uma decisão histórica, a Comissão Europeia passou a permitir que os Estados-Membros utilizem recursos de um fundo social já existente, o Fundo Social Europeu Plus (ESF+), para apoiar o acesso a abortos seguros. A medida representa um avanço na política europeia de saúde reprodutiva, mas ainda não garante financiamento estável de longo prazo. A decisão foi tomada após forte pressão da iniciativa cidadã “My Voice, My Choice”, que reuniu mais de 1 milhão de assinaturas pedindo apoio financeiro para mulheres que não conseguem realizar aborto em seus países de origem devido a restrições legais. Com essa mudança, os governos nacionais poderão usar parte dos recursos do fundo para custear procedimentos médicos, viagens e hospedagem de mulheres que precisem deslocar-se para realizar abortos em regiões ou países onde o serviço esteja disponível. O fundo possui cerca de €142,7 bilhões para o período 2021–2027, mas foi originalmente criado para programas sociais como combate à pobreza, educação e emprego. Por isso, o financiamento do acesso ao aborto dependerá de decisões políticas de cada país e competirá com outras prioridades sociais. A medida gerou forte divisão política na UE: grupos progressistas e organizações feministas consideram a decisão uma vitória para os direitos

reprodutivos, enquanto setores conservadores e religiosos criticam o uso do fundo para esse fim e afirmam que a política interfere em competências nacionais sobre saúde.

Ainda sobre o direito reprodutivo, apesar de o acesso à contracepção eficaz e a preços acessíveis continuar a ser desigual em toda a Europa, especialistas consideram que há uma melhoria global no continente. A recente publicação do **Atlas da Política de Contracepção 2026** do Fórum Parlamentar Europeu para os Direitos Sexuais e Reprodutivos (EPF) mostra que França (97,9%), Portugal (93,8%), Luxemburgo (93,3%) e Bélgica (89,8%) encabeçam, pelo segundo ano consecutivo, a lista dos países da UE com melhor acesso a contraceptivos. Por outro lado, a Eslováquia (32,2%), a Hungria (36,9%) e a Polónia (38,9%) são os países da UE que se encontram no extremo oposto da classificação, com a Turquia (37,6%) e a Rússia (37,8%) a completarem os 5 últimos lugares quando se considera todo o continente. De acordo com o estudo, na Polônia, as vasectomias estão se tornando um método contraceptivo permanente, cada vez mais popular entre os homens. Nos últimos 5 anos, o cenário da contracepção na Europa mudou significativamente, com o surgimento de agendas políticas pró-natalistas e alterações nos cuidados de saúde reprodutiva. Além disso, existe uma divisão persistente entre o Leste e o Oeste no que diz respeito ao acesso à contracepção na Europa. Os países da Europa de Leste tendem a situar-se no extremo inferior do espetro devido a políticas restritivas e à falta de apoio ao acesso aos contraceptivos. Já os países ocidentais no topo da classificação fornecem contracepção pós-parto, algo que falta aos países da Europa de Leste com classificações mais baixas. Os sistemas nacionais de saúde de 15 países da UE cobrem os contraceptivos, incluindo os reversíveis de longa duração, como os DIU (dispositivos intrauterinos) e os implantes.

De acordo com um novo relatório da Agência Europeia do Ambiente (AEA), 1 em cada 5 mortes por doenças cardiovasculares na UE poderia ser evitada através da melhoria ambiental. Para além dos custos humanos, as doenças cardiovasculares custam à UE mais de 282 bilhões de euros por ano devido à diminuição da produtividade e da produção econômica, de acordo com a Comissão Europeia. As doenças cardiovasculares são a causa de morte mais comum na UE, de acordo com a **Sociedade Europeia de Cardiologia**. Em 2022, mais de 1,7 milhão de pessoas morreram de causas cardíacas, o que representou um terço de todas as mortes no bloco nesse ano. Para além das caraterísticas pessoais, como idade e antecedentes familiares, fatores ambientais também desempenham um papel fundamental nas doenças cardiovasculares. Na UE, estima-se que fatores como a poluição atmosférica, as temperaturas extremas e os produtos químicos causem, pelo menos, 18% de todas as mortes por doenças cardiovasculares. A Polónia (23,69%) e a Bulgária (23,98%) são os países da UE com as percentagens mais elevadas de mortes por doenças cardiovasculares associadas a riscos ambientais. Em contrapartida, a Finlândia e a Suécia registaram a percentagem mais baixa, com 9,72% e 10,01%, respetivamente. A poluição atmosférica é responsável por cerca de 8% das mortes por doenças cardiovasculares na UE por ano, de acordo com a **Rede Europeia do Coração**. As partículas finas – provenientes de fontes como as emissões dos veículos, os processos industriais e a queima de combustíveis fósseis –, o dióxido de azoto e o ozono são os três principais poluentes associados às doenças cardiovasculares na Europa. A exposição prolongada a estes poluentes contribui significativamente para a mortalidade prematura e para as doenças cardiovasculares crónicas, incluindo ataques cardíacos, acidentes vasculares cerebrais e insuficiência cardíaca. Estima-se também que cerca de 66 mil mortes prematuras anuais na UE sejam atribuíveis à exposição ao ruído dos transportes, sendo mais de 30% devidas a causas cardiovasculares. No entanto, as políticas e os regulamentos da UE, que visam combater a poluição atmosférica, estão funcionando. A poluição atmosférica diminuiu em toda a UE, o que resultou num menor número

de mortes prematuras atribuíveis. No entanto, 95% dos residentes da UE, em especial os das zonas urbanas, continuam expostos a níveis de poluição pouco seguros.

Considerações Finais

A estratégia iraniana de bloquear o Estreito de Ormuz, na escalada militar no Oriente Médio, sacudiu o cenário internacional, forçando uma mudança abrupta de postura e prioridades do governo estadunidense, expondo uma certa vulnerabilidade estratégica dos EUA: para manter a ofensiva, Casa Branca se viu obrigada a financiar, indiretamente, a economia russa, que ora é aliada, ora é adversária. A interrupção do fluxo comercial na região tornou insustentável a manutenção do bloqueio total à Rússia. Esta flexibilização representa uma reversão tática profunda. A política de "pressão máxima", que visava asfixiar as exportações russas para drenar recursos da guerra na Ucrânia, foi atropelada pela necessidade de sobrevivência econômica. No cenário atual, a segurança energética e o custo de vida do eleitor norte-americano sobrepuseram-se aos objetivos geopolíticos de isolamento da Rússia, revelando fissuras na estratégia de hegemonia dos EUA.

Trump, que tanto atacou e reclamou da Europa, agora busca seu apoio ao perceber que, para projetar seu poder no Oriente Médio de maneira mais eficaz, precisa contar com a geografia de aliados: centros logísticos na Alemanha, bases aéreas no Reino Unido, instalações navais na Espanha e permissão de sobrevoo que permita que aeronaves se movimentem sem risco de choques aéreos. Países europeus estão resistindo, mesmo sob ameaças, chantagens e o temor de uma ruptura com os EUA. No entanto, Trump não se preocupou construir previamente uma coalizão para a campanha contra o Irã, e agora se dá conta de que sua guerra depende fortemente do território europeu — suas bases, portos e espaço aéreo. Este novo fenômeno descortina uma realidade que estava escondida: embora ainda dependente dos EUA militarmente, a Europa ainda e capaz de exercer certa influência.

A grande conclusão é que o caos geopolítico gerado por esta guerra, a partir interrupção do fluxo do escoamento de petróleo e a consequente disparada em seu preço, reforçam a percepção de insegurança energética baseada em combustíveis fósseis, reforçando a necessidade da transição ecológica.